

O OLHAR DO TURISTA SOBRE A PÁScoa NO RITO UCRANIANO DO FAXINAL LAGEADO DE BAIXO, MALLEt – PR

Patrícia Ferreira

Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas - UEPG

e-mail: patiepg@yahoo.com.br

Resumo

A observação das práticas religiosas e culturais da Semana Santa e do Domingo de Páscoa, da Igreja Ucraniana Nossa Senhora Rainha da Paz, no Faxinal Lageado de Baixo, em 2006, permitiu a ruptura com a antiga percepção sobre o fenômeno, proporcionada pela bibliografia referente ao rito ucraniano original, possibilitando uma análise comparativa, além da descrição das adaptações ocorridas no faxinal e de um possível olhar do turista. O turismo sustentável pode ser uma das alternativas para a busca da sustentabilidade do Sistema Faxinal, atualmente, desde que seja adequadamente planejado, respeitando-se a capacidade de carga do ambiente e a cultura local.

Palavras-chave

Faxinal Lageado de Baixo, Páscoa ucraniana, olhar do turista

1. Introdução

A igreja é um espaço que permite o convívio social e a religiosidade, que é uma característica marcante da cultura ucraniana e possibilita a reafirmação da

identidade étnica dos descendentes. Então, participar da Páscoa dos faxinalenses descendentes de ucranianos permitiria ao turista o contato com sua cultura. Como pode ocorrer o olhar do turista sobre a Páscoa no rito ucraniano do Faxinal Lageado de Baixo? Como os descendentes de imigrantes ucranianos que foram viver no faxinal adaptaram suas práticas religiosas e culturais da Páscoa ao espaço e ao tempo? Apesar de passarem a viver no sistema econômico e social do faxinal, reafirmaram suas identidades étnica e religiosa. Mas, suas práticas precisaram se adaptar a escassez de sacerdotes do rito ucraniano para atendê-los, com frequência.

Foi adotado o conceito de Geertz, sendo a “(...) identidade cultural como um campo de diferenças que se confrontam em todos os níveis, desde a família, a aldeia, o bairro ou a região até a zona rural e além dela...”¹ e, do mesmo autor, o conceito de cultura que

denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida.²

Na perspectiva de QUIVY e CAMPENHOUDT (1992)³, para a construção desse artigo utilizou-se a ruptura com a antiga percepção sobre o fenômeno proporcionada pela revisão bibliográfica. Essa ruptura se deu pela observação da cultura local a ser estudada, por meio de uma análise comparativa com a bibliografia referente ao rito ucraniano original, em vistas da construção da problemática de estudo e da verificação das hipóteses levantadas. Esse estudo encontra-se na fase

¹ GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 223.

² GEERTZ apud CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 67.

³ QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

exploratória da dissertação do Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, intitulada “Comunidades tradicionais e turismo: o caso dos faxinais ‘Lageado de Baixo’ e ‘dos Mello’ nos municípios de Mallet e Rio Azul (Pr)”. A observação foi realizada do dia treze ao dia dezessete de abril de 2006, com enfoque nas celebrações religiosas da Semana Santa e do Domingo de Páscoa da Igreja Ucraniana Nossa Senhora Rainha da Paz e nas práticas culturais pascais. Essa igreja está localizada no Faxinal Lageado de Baixo, no município de Mallet, no estado do Paraná. A observação dos costumes pascais, ocorreu por meio da participação de comemorações das famílias Sobenko e Firman e das conversas proporcionadas por elas. A primeira família reside no Faxinal em estudo e a segunda, no faxinal vizinho, “dos Mello”, mas ambas são descendentes de ucranianos, freqüentam a mesma igreja e a Sra. Firman é irmã do Sr. Sobenko. Então, os objetivos do presente artigo são descrever o possível olhar do turista sobre as práticas religiosas e culturais referentes à Páscoa dos faxinalenses ucranianos do Faxinal Lageado de Baixo. E descrever as modificações dessas práticas frente ao rito ucraniano original.

Segundo o diagnóstico realizado pela Prefeitura Municipal de Mallet (1999)⁴, o Faxinal Lageado de Baixo localiza-se a aproximadamente quatorze quilômetros da sede do município, possui a área total de 114,20 hectares e do criadouro comunitário de 64,70 hectares. Além da Mitra do Bispado Católico do Rito Ucraniano que tem uma área de 29.645m², desta 25.700m² é para o criadouro comunitário, no restante está a Igreja Nossa Senhora Rainha da Paz e um pavilhão para festas.

O Rio Lageado e o Braço do Potinga são limites do Faxinal. O nome Lageado de Baixo é porque esta região é dividida em Lageado de Cima, na parte mais alta, em

⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE MALLET. **Diagnóstico do Faxinal Lageado de Baixo**. Mallet: [s.n.], 1999.

que está a nascente e Lageado de Baixo, que desemboca no Rio Potinga, na parte mais baixa. Mas, antes, o nome dessa localidade era Lageado dos Mello, juntamente com o atual Faxinal dos Mello (município de Rio Azul), “uma grande área de faxinal ocupava os dois lados do rio (Lageado)”, até aproximadamente 1940. Foi colocado o nome de Lageado dos Mello, porque os primeiros habitantes da localidade foram as famílias de Francisco Mello e de Paulo Mello. A partir de 1950, o Rio Lageado é limite dos municípios de Mallet e Rio Azul.⁵

2. Caracterização e Potencialidades

Até 1994, existiam no Paraná cento e cinquenta e dois faxinais e, em 2004, apenas quarenta e quatro, conservavam o “sistema de criadouro comunitário e/ou o uso coletivo das terras’, com alguma atividade produtiva (como as pastagens)” e vinte desses estavam como Área Especial de Uso Regulamentado (ARESUR), de acordo com o Cadastro Estadual de Unidades de Conservação (CEUC)⁶. Por isso esses municípios recebem recursos do ICMS Ecológico, entre eles Mallet, com o Faxinal Lageado de Baixo.

Em 1992, foi criado o Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais (CNPT), por meio da Portaria IBAMA n.º 22. Em 2004, foi instituída a criação da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, pelo Decreto Presidencial de 27 de dezembro de 2004, visando implementar uma Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais com a participação dos representantes dessas comunidades: Coletores e Produtores Não-Madeireiros, Sertanejos, Quilombolas,

⁵ Ibid.

⁶ MARQUES, C. L. G. **Levantamento preliminar sobre o sistema Faxinal no estado do Para-ná**. Relatório de Consultoria Técnica, IAP, Curitiba, 2004 (mimeog.), p. 9, 10, 11.

Povos Indígenas, Quebradeiras de Coco, Pescadores Artesanais, Caiçaras e Geraizeiros, Comunidades de Terreiros, Pantaneiros, Ciganos, Seringueiros, Pomeranos, Fundo de Pasto e Faxinais, a partir de setembro de 2005, pois antes contava apenas com representantes do governo.^{7, 8, 9, 10}

O Decreto Estadual n.º 3.446/97, em seu artigo 1º, parágrafo 1º, define como Sistema Faxinal:

O sistema de produção camponês tradicional, característico da região Centro-Sul do Paraná, que tem como traço marcante o uso coletivo da terra para produção animal e a conservação ambiental. Fundamenta-se na integração de três componentes: a) produção animal coletiva, à solta, através dos criadouros comunitários; b) produção agrícola – policultura alimentar de subsistência para consumo e comercialização; c) extrativismo florestal de baixo impacto – manejo de erva-mate, araucária e outras espécies nativas.

Apesar dos faxinalenses serem camponeses, eles possuem costumes próprios como a criação de animais particulares no criadouro comunitário, cujas terras são de propriedade privada, mas o uso é comum. Alguns proprietários conhecem seus animais por marcas, como cortes na orelha e outros os conhecem mesmo sem ter marca alguma. Há animais, como o porco, que vão à floresta se alimentar de frutas e pinhão, outros, como o gado e os eqüinos vão pastar, o que diminui os gastos com a alimentação deles, mas todos ao entardecer voltam às proximidades das residências,

⁷ Histórico do CNPT. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/cnpt.htm>>. Acesso em: 15 MAI 2006.

⁸ Decreto de 27 de Dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/cnpt.htm>>. Acesso em: 15 MAI 2006.

⁹ Ministros recebem Rede GTA e comunidades tradicionais do país. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/ascom/hot_enct/index.htm>. Acesso em: 15 MAI 2006.

¹⁰ Comissão terá participação da sociedade. Disponível em: http://www.mds.gov.br/ascom/hot_enct/index.htm. Acesso em: 15 MAI 2006.

que são dentro do criadouro comunitário, para receber a complementação alimentar, principalmente com o milho.

Dentro do faxinal está a vegetação nativa da Floresta com Araucária, em que muitas das áreas preservadas do estado estão em áreas de faxinais ou de ex-faxinais. Sobre a policultura alimentar de subsistência, as lavouras cultivadas no Faxinal Lageado de Baixo são de milho, de arroz e de feijão, principalmente para o consumo, fora da área do faxinal. Separando o criadouro comunitário das terras de lavoura, existem cercas.

Muitas famílias possuem quintais com hortaliças e plantas medicinais, um dos motivos das casas serem cercadas, para evitar que os animais as comam. Há o costume de se fazer conservas.

O manejo da erva-mate e da araucária é para o consumo. São muito utilizados para alimentação os suínos, alguns são vendidos, praticamente, no período das festas de final de ano, mas antigamente essa venda era importante. Até aproximadamente vinte anos atrás, explorava-se a erva-mate no faxinal, que era sua principal fonte de renda.

Hoje, por falta de outra alternativa de renda, grande parte das treze famílias que moram na localidade têm como principal fonte de recursos o cultivo do fumo, utilizando mão-de-obra familiar, como muitos agricultores familiares dos municípios de Mallet e Rio Azul .

Em entrevista exploratória realizada com a senhora Maria da Silva, que quando era solteira tinha o nome de Maria Marques Mello, uma das ex-moradoras mais idosas do Faxinal dos Mello, ela relatou que por volta de 1946 chegaram os ucranianos e compraram terras dos caboclos que moravam na localidade.

Atualmente, no Faxinal Lageado de Baixo (Mallet), grande parte das famílias são descendentes de ucranianos e no Faxinal dos Mello (Rio Azul), de caboclos.

A produção do fumo é ambientalmente impactante, principalmente pela grande quantidade de insumos inorgânicos utilizados e por precisar continuamente de madeira para o funcionamento das estufas, além de ser prejudicial à saúde tanto de seus produtores quanto dos consumidores. E existe a dependência daqueles em relação às grandes empresas de fumo, que fornecem os produtos necessários ao cultivo e estabelecem as variedades que foram produzidas e os preços a serem pagos, de acordo com essas variedades.

Um turismo educacional, tanto para comunidade científica quanto para população interessada em aprender com o relacionamento mais harmonioso que os faxinalenses têm com a natureza, com a sociabilidade da comunidade, enfim com a sua cultura tradicional, além de permitir o conhecimento de sua atuação política e os problemas enfrentados para manutenção do sistema, permitiria sua maior visibilidade e poderia fortalecê-lo por meio do seu reconhecimento por um maior número de pessoas.

O turismo sustentável pode ser uma alternativa à produção do fumo no faxinal em estudo, em conjunto com outras possibilidades como: agroecologia, cooperativa de conservas “orgânicas”, compotas e geléias “orgânicas” de frutas nativas; apicultura “orgânica”; carne de porco, de frango e de gado “orgânica”; plantas medicinais; plantar araucárias, para solicitar o seqüestro de carbono; entre outras, que os faxinalenses apoiados por ONGs, universidades e poder público acharem mais adequados.

3. Referencial teórico

A captura do olhar é o processo fundamental de consumo da atividade turística, sendo que o “olhar é construído através de signos, e o turismo abrange uma

coleção de signos. (...) Conforme Culler, ‘o turista se interessa por tudo como um sinal da coisa em si...’.¹¹ Então, quando o turista ver o faxinal, seu olhar captará uma cultura tradicional tipicamente paranaense.

As culturas tradicionais são padrões de comportamento transmitidos socialmente, modelos mentais usados para perceber, relatar e interpretar o mundo, símbolos e significados socialmente compartilhados, além de seus produtos materiais, próprios do modo de produção mercantil.¹²

As comunidades tradicionais dependem do território, então é importante observar como Cunha (2005)¹³ aplica o conceito de território social aos faxinais, que possui implícitas as dimensões cultural, política e econômica.

O faxinal é território cultural, porque é um espaço em que vive uma comunidade com identidade e memória coletiva específica e de caráter sócio-espacial.

É território econômico, porque a reprodução social da comunidade é territorializada, existindo uma dependência do espaço e um vínculo econômico com ele.

E, cada vez mais, transforma-se em território político, devido às disputas pelo patrimônio econômico e produtivo, que constituem-se atualmente ou que podem constituir-se no futuro.

De acordo com Löwen Sahr (2005)¹⁴ os faxinais existiam na região sul do Brasil, mas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, há muito tempo eles

¹¹ URRY, 2001, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel / SESC, 2001, p. 18, 68.

¹² DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000, p. 87.

¹³ CUNHA, L. A. G. **Os faxinais como territórios**. In: I Encontro dos Povos Faxinais, 2005, Irati. Anais. Irati: IAP, 2005. (no prelo)

¹⁴ LÖWEN SAHR, C. L. **Faxinalenses: populações tradicionais no bioma da Mata com Araucária?** In: I Encontro dos Povos Faxinais, 2005, Irati. Anais. Irati: IAP, 2005.

acabaram, então só permaneceram no Paraná. O que é um grande potencial turístico do estado, pois “(...) o olhar do turista é estruturado por noções culturalmente específicas daquilo que é extraordinário e, portanto, digno de ser visto.”¹⁵

“Não existe um único olhar do turista enquanto tal. Ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico. Tais olhares são construídos por meio da diferença.” As práticas turísticas contrastam com práticas não-turísticas, como as do trabalho e da casa, fugindo do cotidiano e do habitual. “Na verdade, o olhar do turista, em qualquer período histórico, é construído em relacionamento com seu oposto, com formas não-turísticas de experiência e de consciência social (...)”.¹⁶

O direcionamento do olhar do turista implica freqüentemente diferentes formas de padrões sociais, com uma sensibilidade voltada para os elementos visuais da paisagem do campo e da cidade, muito maior do que aquela que é encontrada normalmente na vida cotidiana. As pessoas se deixam ficar presas a esse olhar, que então é visualmente objetificado ou capturado através de fotos, cartões-postais, filmes, modelos, etc. Eles possibilitam ao olhar ser reproduzido e recapturado incessantemente.¹⁷

4. A construção do olhar do turista sobre a páscoa no rito ucraniano do Faxinal Lageado de Baixo

Segundo Boruszenko (1995)¹⁸, os ucranianos são intensamente religiosos, destacando-se a religião católica de rito oriental com 91% dos fiéis, seguida pela ortodoxa com 5,5%, sendo os demais protestantes.

¹⁵ URRY, op. cit., p. 96.

¹⁶ URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel / SESC, 2001, p. 16, 18.

¹⁷ Ibid., p. 18.

¹⁸ BORUSZENKO, O. **Os ucranianos**. 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 108, out. 1995.

A Igreja Católica possui diversos ritos que são “formas externas do culto divino”, formados desde o início do cristianismo. Então, atualmente, existem muitas liturgias latinas e liturgias orientais, que não prejudicam a essência do catolicismo a qual é a “unidade da fé, unidade da autoridade e unidade dos sacramentos”.¹⁹

Quase todos os ritos orientais estão representados no Brasil e seguidos pelos fiéis imigrantes, em cujas pátrias esses ritos eram de norma (...) temos: o armênio, o russo, o maronita, o melquita, o romeno, o sírio e o ucraniano, que abrange o maior número de fiéis.²⁰

O rito ucraniano veio para o Brasil por solicitação dos imigrantes à igreja da Ucrânia, para o envio de sacerdotes, e ainda hoje preserva suas particularidades.²¹

No Faxinal Lageado de Baixo todas as famílias são católicas do rito oriental ucraniano. E a participação dos faxinalenses nas missas é grande, então muitas das reuniões para decidir sobre o ICMS Ecológico, escolha de presidentes, etc. são realizadas após a missa, na própria igreja, pois a maioria deles está lá.

Pressupondo que o turista é atraído pelo diferente e extraordinário, quem procurará o faxinal, provavelmente, será uma pessoa que mora na cidade, pertencente a uma sociedade consumista, que não têm práticas culturais tradicionais e que não pratica a sociabilidade com grande parte de seus vizinhos. Em relação à Páscoa no Faxinal Lageado de Baixo, chamará a sua atenção uma paisagem diferente daquela do seu cotidiano, que além de ser no campo, a igreja possui estilo ucraniano e as práticas religiosas e culturais do rito oriental ucraniano são diferentes do rito latino.

¹⁹ Pe. ZALUSKI, T. **Páscoa – celebrações litúrgicas e costumes populares**. Boletim Paroquial São Josafat, Órgão Informativo. Prudentópolis, 2000.

²⁰ Ibid.

²¹ BURKO, V. N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2. ed. Curitiba: Editora dos Padres Basilianos, 1963, p. 59, 61, 63.

O artista Antonio Petreki pintou o interior da referida igreja com motivos ucranianos, tanto as paredes quanto o forro e as imagens: no altar, Nossa Senhora Rainha da Paz e acima a Santa Ceia, cuja toalha de mesa tem bordados ucranianos; ao fundo, acima do portão principal, a Travessia do Mar Vermelho, mas Jesus Cristo e seus apóstolos estão atravessando uma plantação de trigo, cujo entremeio há flores de amor-perfeito e, ao longe, avistam-se elevações no relevo com algumas edificações. Não há imagens em estátuas nessa igreja, inclusive a *Plastchanytsia* foi pintada por Antonio Petreki, que de acordo com o padre Zaluski (2000) ²² é uma lembrança do Santo Sudário, com Cristo morto pintado em tecido.

Na páscoa cristã existe a quaresma (teoricamente seriam sete semanas, mas na prática são quarenta dias) em que se celebra a Paixão de Cristo, preparando-se para a comemoração da ressurreição de Jesus, no Domingo da Ressurreição. ²³ Mas, no rito ucraniano original havia várias celebrações e práticas religiosas diferenciadas, durante a quaresma, que não são realizadas no faxinal.

O que permanece é a abstenção do consumo de carne todas as quartas e sextas-feiras e, nesses dias, reza-se o terço. Durante a quaresma, entre as suas últimas semanas, os faxinalenses se confessaram, depois houve uma missa e no final, aconteceu a realização da celebração para os mortos, o *Parastás*. Além de ter sido praticado um outro costume, o de cada família levar um pão para igreja “em honra dos falecidos”. No domingo de ramos foram abençoados ramos de palmeira “em comemoração da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, mas os costumes do

²² Pe. ZALUSKI, T. **Páscoa – celebrações litúrgicas e costumes populares**. Boletim Paroquial São Josafat, Órgão Informativo. Prudentópolis, 2000.

²³ Ibid.

domingo da ‘Verbá’, (salgueiro, chorão), estão ligados a costumes remotos quando se prestava culto às árvores...”. No Brasil não são utilizados ramos de salgueiro.²⁴

“O costume de trazer alimentos para as celebrações pelos falecidos vem da crença pré-cristã de que as almas, ainda que fiquem separadas do corpo, elas comem e bebem...”. Nas missas de sétimo dia e um ano de falecimento realizadas no faxinal existe a oferenda de três pães. No rito ucraniano há um destaque, durante a quaresma, para penitência e para o culto aos mortos, e que este também provém dos costumes ucranianos pré-cristãos.²⁵

Uma das tradições mais cultivadas pelos descendentes de ucranianos são as comemorações de Páscoa, que tem o diferencial dos ovos (geralmente de galinha) coloridos pintados à mão: as *pêssankas*, “bem desenvolvido ramo da arte popular”.²⁶ No faxinal ucraniano em estudo não há o costume de pintar ovos, pois é uma técnica que os descendentes dessa localidade não dominam, alguns fazem desenhos com cera e depois tingem os ovos de roxo com uma “cebolinha”, outros tingem sem fazer desenhos, mas não costumam presentear-se com eles.

Outro contraste com o costume do turista é a ausência do ovo de páscoa de chocolate como atração principal, o principal alimento pascal é um pão que se deixa crescer bastante, suavemente adocicado, que tem o nome de *paska*, cujos enfeites feitos com a massa do próprio pão recebem um cuidado especial, pois decora a cesta de alimentos para o desjejum de domingo, juntamente com as flores.

Na semana santa, dentro da família, cada dia tinha um trabalho pré-determinado; na Segunda-Feira santa lavava-se a casa e todas as dependências, como também era o dia para trabalhar na horta (...); Na Terça-feira toda a roupa da casa, todos os panos deviam ser

²⁴ Pe. ZALUSKI, T. **Páscoa – celebrações litúrgicas e costumes populares**. Boletim Paroquial São Josafat, Órgão Informativo. Prudentópolis, 2000.

²⁵ Ibid.

²⁶ BORUSZENKO, O. **Os ucranianos**. 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 108, out. 1995, p. 35.

lavados, secados e passados. Continuava-se a cuidar da horta; na Quarta-feira terminava-se o trabalho dos dias anteriores e começavam-se a preparar ovos para serem pintados. O chefe da família devia concluir o trabalho na lavoura e preparava lenha para o forno como também fazia faxina nas dependências em redor da casa; até a Quinta-feira santa, chamada de 'Jêvney Tchetver' (Quinta-Feira Gorda), todos os trabalhos na lavoura e em casa deviam ser terminados, porque na quinta-feira já começavam as festas da Páscoa.²⁷

Esses trabalhos relativos aos cuidados com a casa, a horta e a lavoura, durante a Semana Santa, não são costume no Faxinal.

De acordo com Zaluski (2000)²⁸, na Quinta-Feira Santa, à noite, existe o costume de ler os doze Evangelhos da Paixão e, depois dessa celebração, na igreja, não se tocam mais os sinos, até o início das Matinas da Ressurreição, no sábado. Porém, no Faxinal não houve celebração religiosa na Quinta-Feira Santa e não há o costume de tocar sinos, durante a Semana Santa e nem no Domingo de Páscoa.

Na Sexta-feira Santa, pode-se iniciar o preparo dos alimentos para cesta, o que aconteceu no faxinal, pois sua benção foi no sábado.

As celebrações da Semana Santa, no Faxinal, tiveram início na Sexta-Feira Santa, quatorze de abril de 2006, pela manhã. Aconteceu uma procissão ao redor da igreja, que há alguns anos é de uma volta em torno dela, mas antes era costume no faxinal dar três voltas. Ao som de duas matracas, - "Instrumento de percussão, formado por tabuinhas movediças, ou argolas de ferro, que, ao serem agitadas, percutem a prancheta em que se acham presas e produzem uma série rápida de estalos secos; malho." ²⁹ - a *Plastchanytsia* foi carregada por quatro homens, segurando uma vela acesa cada um deles e, em seguida, foi depositada num suporte, no interior da igreja, e acesas as velas que o cercam. O diácono realizou um culto.

²⁷ Pe. ZALUSKI, op. cit.

²⁸ Pe. ZALUSKI, T. **Páscoa – celebrações litúrgicas e costumes populares**. Boletim Paroquial São Josafat, Órgão Informativo. Prudentópolis, 2000.

²⁹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

A *Plastchanytsia* permaneceu no referido local, para a adoração, até a benção aos alimentos, no sábado. Neste dia é colocada no altar, em que permaneceu quarenta dias após a Ressurreição de Cristo (Domingo de Páscoa).

Na Sexta-Feira Santa, costuma-se fazer jejum não comendo gordura animal, não se faz almoço e come-se um lanche. Pode-se comer peixe, mas no referido dia observou-se os seguintes “alimentos secos”: pão (feito sem utilizar banha, leite e ovo) com margarina e geléia e café (sem leite), uma maneira de jejuar realizada desde a Ucrânia. Também não se pode consumir bebidas alcoólicas. É proibido ofender os outros, “dizer palavras indecentes” e trabalhar.³⁰

Ainda na sexta-feira, à tarde, houve um culto apenas para as crianças. Além da guarda da *Plastchanytsia*, como se fosse “diante da sepultura de Jesus”.³¹ E, à noite, a própria comunidade realizou a Via Sacra, sem a presença do diácono, com hinos e rezas no idioma ucraniano. Antes de terminar a celebração, tanto de manhã quanto de noite, formaram-se duas filas, uma de mulheres e a outra de homens, todos de joelhos em frente à *Plastchanytsia* e foram ajoelhados até chegar a ela e beijá-la várias vezes.

Outras diferenças encontradas no Faxinal ucraniano, comparando-se com a análise de Boruszenko (1995)³²: a benção da cesta de alimentos para o desjejum geralmente ocorre no Domingo de Páscoa, de madrugada e, no faxinal foi no sábado, quinze de abril de 2006, à tarde; e outra adaptação às possibilidades do padre foi a missa do Domingo de Páscoa, transferida para segunda-feira, dia dezessete de abril de 2006, à tarde; segundo a autora, no domingo, à tarde, costuma-se praticar a

³⁰ Pe. ZALUSKI, op. cit.

³¹ Pe. ZALUSKI, T. **Páscoa – celebrações litúrgicas e costumes populares**. Boletim Paroquial São Josafat, Órgão Informativo. Prudentópolis, 2000.

³² BORUSZENKO, O. **Os ucranianos**. 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 108, out. 1995.

tradição da *hahilky*, danças e cantos relacionados a antiga tradição da chegada da primavera, que no Faxinal não se pratica há uns vinte anos.

Outro costume diferenciado são os lugares em que se sentam os faxinalenses ucranianos na igreja, do lado esquerdo, olhando para o altar, ficam primeiramente as crianças, tanto meninas quanto meninos, atrás, as mulheres e do lado direito, na frente, fica o coral (grande maioria mulheres e alguns homens) e, atrás, os homens. Tanto as celebrações de sexta-feira quanto do sábado foram realizadas pelo diácono, com hinos de Páscoa e rezas, no idioma ucraniano e poucos pronunciamentos. Durante esses hinos existem pausas em que faz-se o sinal da cruz e em seguida, reza-se a ave-maria e o pai-nosso. Levanta-se, continua-se o hino e faz-se novamente o sinal da cruz. Após, faz-se a prostração, ou seja, ajoelha-se e simula-se beijar o chão. Todo esse ritual acontece diversas vezes nos cultos da Sexta-Feira Santa e do Sábado de Aleluia.

A cesta de alimentos recebeu a benção no sábado para o jejum do domingo de manhã. Quarenta cestas foram aspergidas com água benta pelo diácono, doze eram de famílias do Faxinal (apenas uma família não compareceu) e as demais eram de pessoas que moram nas proximidades. Uma das opções observadas, para o jejum do domingo de manhã, de certa maneira exóticos para o turista, foram a *paska*, o requeijão caseiro, os ovos tingidos picados e temperados com sal e raiz forte, a lingüiça, a margarina, a carne de gado, o café e o leite.

Outra mudança observada no Faxinal com relação ao rito original foi nas celebrações do Sábado Santo, em que o sudário foi recolhido após a benção dos alimentos, no sábado à tarde e não, à noite, além de não ter ocorrido a procissão. “Após a celebração de ‘Nadghrobne’ (Celebração diante da sepultura de Jesus) e

após recolher o sudário ao som das matracas, à meia noite, começa a grande procissão com cânticos da ressurreição...”.³³

“A noite de Páscoa (madrugada de domingo) é uma noite sagrada, mágica, benéfica, feliz, noite da felicidade. (...) Nesta noite as almas dos falecidos visitam suas famílias e por isso não se deve dormir...”.³⁴ Como não existiram celebrações na noite de sábado, nem no domingo de madrugada, a “noite de Páscoa” que observei foi uma noite comum: teve o jantar, depois todos dormiram e não se olhou às estrelas.

A páscoa é comemorada no domingo, segunda e terça-feira, com as visitas entre parentes e vizinhos. Nos almoços existe a opção de churrasco de carne de gado, lingüiça, arroz, macarrão, molho vermelho com carne moída, maionese, conservas de pepino, cebola, vagem, cerveja e refrigerante, entre outras comidas e bebidas, apenas mencionado o que foi comum nas diferentes casas.

A *Voskrésna Panakhyda* é uma celebração para os mortos durante a semana de Páscoa. De acordo com o rito ucraniano, costuma-se ir em procissão ao cemitério e celebrar ritos especiais em cada túmulo, anunciando a eles a alegria da ressurreição.

³⁵ No Faxinal foi realizada na segunda-feira, de manhã, pelo padre. Não existe a procissão, foi marcado um horário para os faxinalenses se encontrarem no cemitério e os ritos que, antes, eram realizados em cada túmulo, hoje se realizam no cruzeiro.

A missa do domingo de Páscoa foi transferida para segunda-feira, o que é comum nas comunidades do interior do município, pois o mesmo padre percorre diversas localidades para realizar as celebrações. O padre realizou a missa, único dia em que houve a comunhão desde a Sexta-Feira Santa, com um pedaço de pão quadrado molhado no vinho e colocado na boca do fiel. Em vários momentos o

³³ Pe. ZALUSKI, T. **Páscoa – celebrações litúrgicas e costumes populares**. Boletim Paroquial São Josafat, Órgão Informativo. Prudentópolis, 2000.

³⁴ Ibid.

³⁵ Ibid.

padre fica de costas para os fiéis e de frente para o altar. Muitas famílias não compareceram, devido às visitas recebidas em casa, que são comuns desde o Domingo de Páscoa até a terça-feira. Provavelmente, se essa missa acontecesse de madrugada, como de costume, grande parte delas compareceriam.

Os objetivos desse estudo foram descrever o possível olhar do turista sobre a Páscoa dos faxinalenses ucranianos do Faxinal Lageado de Baixo. E descrever suas práticas, fazendo um estudo comparativo com o rito ucraniano original e descrevendo suas modificações em relação a esse. Comprovando-se a hipótese levantada de que os descendentes de ucranianos que foram morar no faxinal tiveram que adaptar seus costumes pascais ao espaço e ao tempo. Sendo um dos motivos, a escassez de sacerdotes do rito ucraniano no município de Mallet, para atender a todos os costumes do rito original, com seus dias e períodos pré-determinados, nas várias localidades rurais. E que, apesar dessas adaptações, a Páscoa dos faxinalenses ucranianos é um potencial turístico, por ser uma prática religiosa e cultural diferenciada e com um grande valor visual, intensa valorização da sociabilidade, receptibilidade, comemorações com muita alegria e refeições saborosas, com uma culinária diferenciada. Os questionamentos levantados ainda estão na fase de desenvolvimento, em que a análise será realizada na dissertação a ser elaborada.

Referências

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais.**

Lisboa: Gradiva, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MALLET. **Diagnóstico do Faxinal Lageado de Baixo.** Mallet: [s.n.], 1999.

MARQUES, C. L. G. **Levantamento preliminar sobre o sistema Faxinal no estado do Paraná.** Relatório de Consultoria Técnica, IAP, Curitiba, 2004. (mimeog.)

Decreto de 27 de Dezembro de 2004. Disponível em:
<http://www.mds.gov.br/ascom/hot_enct/index.htm>. Acesso em: 15 MAI 2006.

Ministros recebem Rede GTA e comunidades tradicionais do país. Disponível em:
<http://www.mds.gov.br/ascom/hot_enct/index.htm>. Acesso em: 15 MAI 2006.

Comissão terá participação da sociedade. Disponível em:
<http://www.mds.gov.br/ascom/hot_enct/index.htm>. Acesso em: 15 MAI 2006.

Histórico do CNPT. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/cnpt.htm>>.
Acesso em: 15 MAI 2006.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.** 3. ed.
São Paulo: Studio Nobel / SESC, 2001.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

CUNHA, L. A. G. **Os faxinais como territórios sociais**. In: I Encontro dos Povos Faxinais, 2005, Irati. Anais. Irati: IAP, 2005. (no prelo)

LÖWEN SAHR, C. L. **Faxinalenses: populações tradicionais no bioma da Mata com Araucária?** In: I Encontro dos Povos Faxinais, 2005, Irati. Anais. Irati: IAP, 2005.

BORUSZENKO, O. **Os ucranianos**. 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 108, out. 1995.

Pe. ZALUSKI, T. **Páscoa – celebrações litúrgicas e costumes populares**. Boletim Paroquial São Josafat, Órgão Informativo. Prudentópolis, 2000.

BURKO, V. N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2. ed. Curitiba: Editora dos Padres Basilianos, 1963.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.